

○ Infinito e o sofrimento mental*

PIETRO BRIA

O conceito de *Infinito* teve, desde suas origens pré-socráticas, uma posição central na reflexão filosófica e científica e a dialética finito-infinito constituiu-se como um pólo organizador para o conhecimento do homem e da natureza. A extraordinária aventura do cálculo infinitesimal testemunha esta posição crucial. Mesmo assim, apesar dessa posição central, que não fugiu à intuição dos poetas e dos intelectuais, não se pode dizer que o infinito tenha interessado o pensamento psicológico. Até mesmo a obra de Freud, revolucionária pelas profundas novidades introduzidas na concepção da mente humana, aparentemente não parece ter sido influenciada por tal conceito (não existe nenhuma indicação explícita que diga respeito ao infinito em seus escritos). Entre os discípulos de seu pensamento, Wilfred Bion foi talvez um dos poucos a manifestar uma preocupação explícita pelo infinito e a sugerir uma utilidade para o estudo do espaço mental quando, por exemplo, em "Transformações", uma de suas obras mais inspiradas, afirma que os fenômenos que a psicanálise retrata possuem uma relação apropriada com um universo

infinito. Mas, como em outras vezes pude observar, as intuições de Bion continuaram não atingindo o centro do problema (por exemplo, as relações entre infinito e inconsciente e o seu eventual isomorfismo estrutural) e, por outro lado, não são muito apropriadas para uma reflexão sistemática e, por isso, útil para uma pesquisa posterior.

Foi Matte Blanco quem explicitou potencialidades ocultas na obra de Freud, implícitas no seu conceito fundamental de Inconsciente, e fez delas o ponto de partida de uma reflexão, sempre sustentada pela observação clínica, que – através do conceito de *infinito matemático* – chegou em um primeiro momento a uma formulação do *Inconsciente como conjuntos infinitos*, em seguida àquela do *Inconsciente como estrutura bi-lógica* e, finalmente, àquela do *infinito matemático como estrutura bi-lógica* isomorfa à estrutura do Inconsciente. Esta fascinante aventura intelectual (mas não só intelectual) – da qual em anos recentes tive o privilégio de participar, compartilhando ânsias e satisfações –, permitiu a Matte Blanco descobrir as tempestuosas

* Extraído do livro: "Il pensiero e l'infinito" – Castrovillari, Teda Edizioni, 1989.

© Gentilmente cedido pelo autor para publicação no Boletim Formação em Psicanálise.

características do Inconsciente freudiano, com as antinomias lógicas do infinito matemático, que são testemunhas da insuficiência da nossa lógica finita (que é a lógica do nosso pensamento consciente) ao tratar os aspectos do mundo que são estranhos a ela, como havia intuído o grande Galilei.

E, assim, pela primeira vez, o *infinito* penetrou na ciência psicológica para ficar sendo o instrumento essencial de conhecimento do ser psíquico do homem, sobretudo no que diz respeito aos níveis profundos do seu ser emocional, aqueles mesmos aspectos que Freud traduziu, inaugurando o estudo científico, nas *estruturas do Inconsciente*. Ao mesmo tempo, a concepção de mente proposto por Matte Blanco tornou-se um patrimônio insubstituível do saber psicanalítico, abriu novos caminhos para a epistemologia e oferece fecundas possibilidades de desenvolvimento até o saber matemático que teve, além disso, desde o seu início, como justificativa e objetivo o de ampliar o nosso conhecimento do mundo e de elaborar modelos cada vez mais compreensivos e eficazes para a sua transformação. E, no conceito de mundo, incluímos tanto a natureza física quanto a psíquica da realidade.

Nesse ponto relato um comentário que, após a publicação do "Inconsciente como conjuntos infinitos", foi desenvolvido pelo matemático Alessandro Figa-Talamanca, em um ciclo de seminários sobre a teoria dos conjuntos:

A experiência comum e direta oferece somente exemplos de conjuntos finitos, ou seja, de conjuntos que, ao menos inicialmente, podem ser "contados" em um número finito de passos. A partir desse ponto de vista, colocamo-nos o problema de explicar a gênese da noção de conjunto infinito e a sua motivação psicológica. Enfim, questionamo-nos se os conjuntos infinitos se retraem de alguma forma da lógica comum (paradoxo de Galileu, método diagonal de Cantor) e, se eles não se enquadram na nossa

experiência sensível, porque os matemáticos nunca se ocupam disso? Qual é a profunda motivação que levou a matemática a construir ou a inventar esses "monstros" e, por consequência, obrigou-a a desenvolver novas disciplinas (a teoria formal dos conjuntos, grande parte da lógica matemática) para explicar, controlar, formalizar e esclarecer o comportamento bizarro desses seres? O ponto de vista de Matte Blanco é que os conjuntos infinitos estão além da nossa experiência somente se esta estiver orientada de modo "assimétrico", ou seja, se nos limitarmos a considerar a experiência que está sujeita às regras do "sistema consciente". Se, ao invés da experiência ligada ao modo de ser assimétrico, levarmos em consideração a *experiência emotiva*, a experiência ligada ao sistema inconsciente e ao modo de ser simétrico (mesmo que não se possa falar de uma experiência direta de conjuntos infinitos vistos como conjuntos de infinitos elementos distintos), então o conceito de conjunto infinito torna-se um meio expressivo eficaz de uma realidade que não se submete às regras da lógica comum... Os conjuntos infinitos permitiriam a tradução, de maneira eficaz, do simétrico em assimétrico. Em particular, as aparentes contradições do infinito (por exemplo, o paradoxo de Galileu), longe de constituir "defeitos" ou "imperfeições", são uma indicação de que, através dos conjuntos infinitos, é possível estudar "dimensões" do simétrico que não é possível de ser alcançada com a lógica ordenada do finito. Os paradoxos do infinito são, assim, indicações da riqueza e da fecundidade do conceito de infinito matemático e da sua capacidade potencial de exprimir aquilo que não pode ser completamente expresso de modo discreto, assimétrico...

Desse mesmo ponto de vista, talvez poderíamos ainda dizer que os teoremas de Gödel, que foram interpretados geralmente como teoremas que estabelecem uma limitação interna de todo formalismo, que aspira a descrever um conjunto infinito (aquele dos números naturais), podem ser, ao con-

trário, interpretados como teoremas que indicam a riqueza e fecundidade do conceito de infinito: se os conjuntos infinitos não são descritíveis por uma teoria formal completa, *então talvez sejam o instrumento certo para estudar o modo de ser simétrico.*"

Creio que isso seja muito significativo, e com isso extraio uma idéia, que, em uma outra ocasião, foi proposta pelo mesmo Figa-Talamanca: se a matemática, como toda ciência, é a *elaboração racional da experiência* e, enquanto tal, deve ter um *fundamento empírico*, o infinito matemático encontra no material empírico da psicanálise – ou seja, na experiência emocional – a sua justificativa e o seu fundamento. A experiência interna constitui-se, assim uma raiz empírica comum para a matemática e para a psicanálise.

Em todos esses anos a reflexão teórica, a observação clínica e a prática terapêutica confirmaram-me cada vez mais a essencialidade do conceito de infinito para o estudo da mente. Refiro-me essencialmente a três campos de investigações:

– a análise dos *fenômenos emocionais*, nos termos em que foi proposta no "Inconsciente como conjuntos infinitos", pelo mesmo Matte Blanco;

– a compreensão dos *fenômenos psicopatológicos*;

– o esclarecimento da natureza do *conflito psíquico inconsciente*, que Freud propôs como fundamento da fenomenologia psíquica normal e patológica.

Vamos tentar observar esses aspectos mais de perto, partindo de um conceito nuclear.

A. Uma das conseqüências mais importantes da aplicação do princípio de simetria – princípio que, como sabemos, é característica distintiva, mas não exaustiva, da lógica do inconsciente e do nosso pensamento emocional – é o fato de que a parte

tornou-se igual ao todo e, por isso, indistinguível do todo. Fato que, aplicado à relação entre um elemento (parte) e a sua classe de pertinência (todo) significa identidade entre elemento e classe de pertinência e identidade entre todos os elementos da classe.

Em outros termos, e para dar um exemplo da ação de tal princípio, a mãe (elemento concreto, perfeitamente definível através de uma série de proposições) torna-se a Mãe, a classe das mães, da qual adquire todas as potencialidades: ao elemento substitui-se, assim, o conceito ou a função proposicional que, normalmente, se configura nos elementos da classe.

A identidade da parte com o todo – percebida na psicopatologia clássica através das manifestações psicopatológicas do pensamento esquizofrênico – é também a base de muitos fenômenos que caracterizam claramente o pensamento de nossas emoções mais básicas: idealização, generalização e maximização ou infinitização das características do objeto da emoção.

Com o termo *infinitização* refiro-me ao processo pelo qual o elemento concreto e definido perde as suas características para assumir aquelas do todo-classe que o contém como elemento. É essa a relação, totalmente singular entre parte própria e conjunto, presente na definição antinômica do infinito elaborada por Dedekind, que levou Matte Blanco a descobrir o infinito no centro das emoções e a estudar a sua estrutura. Por ora basta-nos dizer que este processo, que traz consigo a identidade entre a parte própria e o conjunto, pode ser descrito como uma maneira de passagem ao infinito (uma operação de infinitização) das propriedades que definem o elemento em exame e que não são nada mais do que as classes de equivalência, da qual o elemento é sempre a intersecção única. Este fato é muito importante e, como disse há pouco, caracte-

riza de modo distintivo o pensamento emocional: o amor, o ódio, o medo, a raiva são, em sua natureza mais íntimas contrárias à divisão, à distinção, ao espaço, ao tempo.

B. Passemos agora às manifestações psicopatológicas e levemos em consideração, à luz do que foi exposto, um quadro clínico de frequente observação: uma *fobia*.

Direcionaremos, por um momento, nossa atenção puramente fenomenológica sobre um *paciente claustrofóbico*, isto é, um paciente que sente angústia e medo aparentemente sem motivo e de intensidade absolutamente desproporcional em comparação ao estímulo quando se encontra em um *lugar fechado*, como pode ser o espaço restrito e relativamente escuro de um elevador. Perguntamos imediatamente: o que faz com que um lugar assim definido e descritível em seus elementos constitutivos, cuja utilização comporta um risco certamente limitado, torne-se um *objeto fóbico*, isto é, um objeto tal que suscita intensa angústia e, às vezes, terror ou pânico, a ponto de acionar medidas ou defesas contrafóbicas que levam ao sistemático evitamento do objeto?

É necessário dizer que, para uma observação atenta, o termo fobia de elevador é absolutamente impróprio e inadequado e é um modo de descrever superficialmente um fenômeno, sem acolher a sua natureza mais íntima. De fato, o paciente com fobia de elevador não tem medo do elevador – se com esse termo se entende aquele particular lugar fechado, localizado espaço-temporalmente, relativamente escuro, que sobe e desce de um andar ao outro, com aquela porta que automaticamente abre e fecha – mas, vive em contato, ou imerso em uma *realidade que transcende* absolutamente o elevador como objeto individual com os seus graus de fechamento, de escuridão e de periculosidade: a *pura realidade da classe dos lugares escuros e*

fechados com a qual o elevador está identificado e onde (como para o Inconsciente) não existem gradações de escuro, de fechamento ou de perigo, mas *só infinito escuro, infinito fechamento, infinito perigo*; como se vê, uma realidade terrível. É essa *identificação simétrica com a classe* o aspecto que distingue, de modo específico, o objeto ou a situação fóbica e que desencadeia a reação de angústia ou de pânico. Se tivermos presente isso, damos conta de que a reação de angústia do paciente é perfeitamente legítima e coerente (e isso é inferencialmente válido se assumirmos, como Peirce, que a reação do paciente seja o resultado de algum processo inferencial). Essa é, de fato, *consequência* inevitável e lógica do assunto ou *pressuposto* daquela particular situação ou evento identificado simetricamente com a classe de pertinência, o que, além de constituir um desvio formidável dos princípios da lógica comum, produz uma profunda dissolução da individualidade do objeto que desencadeia a fobia, objeto que *sozinho (visto na sua pura individualidade)* não possuiria algum poder de produzir uma reação parecida. E é sobre tal assunto ou pressuposto que deverá incidir o trabalho terapêutico para criar novos isomorfismos no âmbito da reação patológica.

A *infinitização* é, em tal caso, fonte de angústia e de sofrimento. E quando, diante de um tal paciente, tenta-se ingenuamente tranquilizá-lo dizendo que o lugar de que ele tem medo é só um elevador, não estamos fazendo outra coisa além de trazer novamente (sem sucesso) o paciente ao “bom senso” e ao bom uso da lógica, que coloca o elevador no seu lugar e só no seu lugar. Mas, o fato é que somos também seres emocionais e, enquanto tais, não seguimos somente a lógica aristotélica comum e temos a possibilidade de fazer distorções parecidas (Money-Kyrle fala de *mis conceptions*) do objeto percebido ou pensado.

Mas, agora entra um outro problema ligado à *psicogênese* e que nos leva a perguntar: o que levou a essa identificação monstruosa que faz viver como totalidade carregada de infinitas potencialidades a individualidade de uma situação, de uma pessoa ou de um objeto? Isso acontece naturalmente – e de maneira vital para a nossa criatividade – quando sentimos uma emoção de amor; mas, o que acontece quando se verifica uma *produção sintomática* que pode assumir os caracteres de uma estrutura bi-lógica não vital (para exprimirmo-nos como Matte Blanco) como uma fobia ou, pior, uma produção delirante?

Se fizermos uma hipótese – que pode ter validade no caso das fobias – de uma *gênese traumática* do sintoma (o que não significa subestimar o papel dos assim chamados fatores internos: fantasias e emoções que, desde o início, coloreem a nossa percepção da realidade externa, de onde o mundo interno não é nunca o puro reflexo), podemos dizer que o evento ou situação que funcionou como *trauma* (colocamos uma separação prolongada da mãe na primeira infância) produz uma *desestruturação* de uma área mental (neste caso dizemos a área de separação). Para ilustrar isso creio que seja útil apresentar novamente um modelo algébrico, ilustrado por Matte Blanco em um trabalho de 1978 (pp. 86-87). Cito:

Todas as estruturas matemáticas conhecidas respeitam as leis da lógica clássica, seja essa chamada de aristotélica ou bivalente. Em particular, respeitam o princípio de não contradição. É óbvio que, com o modo homogêneo em estado puro ou com a lógica simétrica, não se pode construir ou conceber uma estrutura matemática ou lógica. Ao contrário, se colocado junto à lógica bivalente, é perfeitamente possível desenvolver uma estrutura matemática bi-lógica. O procedimento que propus é bem simples: pegamos uma estrutura matemática qualquer e escolhemos uma zona ou aspecto desta. Aplicamos o

princípio de simetria nesta zona. O resultado é uma homogeneização desta. Vemos, em seguida, quais são as consequências sobre a estrutura de base; para nos certificarmos disso, é necessário considerar cada aspecto da estrutura total a qual pertence a zona que foi submetida à simetrização ou homogeneização e substituir cada um desses aspectos com o correspondente aspecto simetrizado. O resultado é uma nova estrutura matemática submetida por alguns aspectos à lógica simétrica e por outros à lógica bivalente, ou seja, uma *estrutura matemática bi-lógica*. (Matte Blanco, 1978, pp. 334-335)

No caso proposto por Matte Blanco, o grupo aditivo dos números inteiros relativos submetidos a uma perturbação limitada (a simetrização de uma parte da estrutura), constituída por tornar idênticos dois números inteiros quaisquer que sejam contíguos (como 1 e 2) na sucessão dos números inteiros, sofre uma transformação radical de toda a estrutura e de sua natureza heterogênea. O resultado é uma nova realidade: uma estrutura matemática bi-lógica, o *grupo bi-lógico aditivo dos números inteiros relativos* em que cada número inteiro relativo torna-se idêntico a outro número inteiro relativo e a todo o conjunto e onde a soma de qualquer número inteiro relativo com qualquer outro tem como resultado qualquer outro número inteiro relativo e também todo o conjunto dos números inteiros relativos: uma estrutura inconcebível na lógica bivalente, mas não em bi-lógica! Como se pode ver, uma verdadeira *catástrofe*: uma perturbação limitada ($1=2$) de uma parte da estrutura causou uma desorganização radical da organização da estrutura total.

Se aplicarmos isso ao nosso modelo psicogenético, veremos que o *evento traumático* comporta-se exatamente como aquela perturbação limitada, como aquele flash homogeneizante $1=2$, de onde, como um processo que se difunde em forma de raio, se

reparte a homogeneização de toda a estrutura. E, assim, aquela particular separação *traumática* da mãe (ou qualquer outro tipo de violência sofrida ou vivida pela criança) não será somente sentida como a Separação sem limites, infinita no espaço e no tempo, como a morte, causa de um terror sem nome (para falar como Bion), mas fará com que em seguida (exatamente através daquele processo que podemos chamar de *difusão simétrica*) qualquer representante da classe (ou seja, qualquer separação ou afastamento, mesmo que muito limitada a um lugar considerado como estável ou seguro) tenderá a ser vivido como a classe total com a qual se identificou os traços daquela experiência primitiva traumática presentes de maneira indelével no inconsciente. A “praça”, para o paciente agorafóbico, e o fechado-escuro da sala, para o claustrofóbico, se tornarão, então, lugares de angústia grandíssima, onde reina a ausência interminável da Mãe ou o escuro absoluto e total do aniquilamento!

Creio que, com essa ótica, que somente delineei vagamente aqui, etologia e psicanálise poderiam encontrar um terreno muito fértil de intercâmbio.

Resta-nos um último ponto para esclarecer: a relação entre o infinito e o *conflito psíquico do inconsciente*. Aqui devemos começar por Freud, e o faremos com três observações preliminares.

1. Em “Análise terminável e interminável”, uma de suas últimas obras mais inspiradas, Freud propõe a base daquilo que ele chama de “inclinação ao conflito” a dialética entre Eros e Destruição, dois “opostos” fundamentais (para usar a terminologia aristotélica), que são no seu pensamento, e que têm reciprocidade com Empédocles, pulsões básicas mas, também, princípios organizadores do real.

2. No seu trabalho “O Inconsciente”, de 1915, Freud, enumerando as características do Sistema

Inconsciente, fala da ausência de contradição mútua entre os impulsos, entendendo com isso que, impulsos com metas contrastantes (é o caso do amor e do ódio), podem perfeitamente coexistir no Inconsciente.

3. Retomando o argumento em outras de suas obras, Freud, porém, chega às seguintes afirmações:

As regras fundamentais da lógica não têm nenhum valor no Inconsciente, o qual, pode-se dizer, é o reino do ilógico. Tendências com metas contrastantes *coexistem* no Inconsciente, uma ao lado das outras... Um fenômeno analógico é que os contrários *não são mantidos separados mas*, ao invés disso, são tratados como *idênticos*. (Freud, *Compêndio da Psicoanálise*, pp. 595-596)

Ou, ainda,

As leis do pensamento lógico não valem para os processos do Inconsciente, sobretudo *não vale o princípio de contradição*. (Freud, *Novas lições introdutivas à Psicoanálise*, 1932).

É evidente uma contradição nessa argumentação freudiana partindo do fato de que a “*coexistência dos contrários*” não viola de maneira alguma o princípio de contradição; aliás, é baseada no respeito a ele. Enquanto a *identidade dos contrários* no Inconsciente, também afirmada por Freud, é uma clara violação do princípio de contradição aristotélico como princípio de incompatibilidade entre os opostos que funda a heterogeneidade do mundo.

E agora, o Inconsciente não viola o princípio de contradição e ao mesmo tempo o viola? Como podemos sanar essa antinomia, se é que deveremos mesmo saná-la? Freud precursor da bi-lógica sem estar ciente disto? É uma direção para enfrentar o

problema, se temos confiança na fidelidade científica de Freud, observador do Inconsciente. Creio, porém, que exista também um outro caminho que passe *através do conceito de infinito* e, talvez, possa-se dizer – atribuindo a Freud algo que não estava nas suas intenções – que o conceito de infinito e, talvez, o de bi-lógica estão implícitos nesse ponto de seu pensamento e que a sua explicitação torna o seu discurso, com certeza, mais coerente e rico de intuição.

De fato, quando Freud fala de contrários em oposição refere-se ao amor e à destrutividade, a pulsões básicas na origem da chamada ambivalência afetiva. Mas, amor e ódio são emoções básicas e, como tais, como vimos, se movem em um “campo” infinito: *o território das infinitudes do nosso inconsciente*. Se as confrontarmos com uma metáfora de atração de Thom, podemos dizer que, enquanto tais, cada emoção tende a invadir toda a bacia (ou seja, o espaço de influência) que, por tal coexistência, deveria compartilhar com a outra.

Citarei, quase literalmente, uma obra pela qual interessei-me mais amplamente, a propósito do problema:

Se pensarmos, por assim dizer, em *termos finitos*, podemos dizer que a co-presença de opostos como amor e ódio resulta perfeitamente compatível no que diz respeito ao princípio de não contradição. Pode-se então conceber perfeitamente que um objeto ou pessoa seja amado por certos aspectos ou, em um determinado momento, odiado por outros: como pode ser visto, uma compatibilidade e uma oposição não necessariamente em conflito. Mas, o que acontece naqueles níveis onde entram em operação processos de infinitização que caracterizam distintivamente emoções como o amor e o ódio? Tudo parece modificar-se radicalmente. Nesse nível infinitizado a *coexistência dos opostos* torna-se incompatível no que diz respeito ao princípio de não

contradição. Se, de fato, o amor e o ódio são infinitos – como acontece efetivamente no Inconsciente – parece que não existe mais espaço e tempo para uma oposição, porque cada infinito tende a ocupar todo o espaço e todo o tempo. E, assim, a coexistência de amor e ódio infinito em direção à mesma pessoa torna-se equivalente à coexistência de amor e ódio ao mesmo tempo e nas mesmas circunstâncias. Se, de fato, cada ponto transforma-se em todo o espaço e cada instante transforma-se em todo o tempo, a coexistência em pontos ou instantes ou circunstâncias diferentes coexistem no mesmo ponto, no mesmo instante e na mesma circunstância: *uma conhecida violação do princípio de não contradição aristotélico* que parece apontar em direção a uma identidade dos contrários. Aquela equação $\text{amor} = \text{ódio}$ reflete a presença de modo indivisível e é sentida como incompatível com a sobrevivência. E é diante dessa situação, que se apresenta dramaticamente no início da vida, que o ser humano é levado a afirmar a validade do princípio de não contradição: *a compatível com b, onde a e b são os opostos, torna-se a compatível com b*. O amor infinito é sentido como incompatível com o ódio infinito e isso vale para qualquer outro casal de opostos ou de desejos antitéticos. Sob essa perspectiva, *o nascimento do princípio de não contradição parece ter a sua raiz afetiva* na necessidade de se proteger de uma experiência fusional, onde o objeto amado funde-se com o objeto odiado, o que é sentido como a perda irreparável de todo bem.

A *infinitização* é, nesse caso, *geradora de conflito* e, por isso, de incompatibilidade que, no Inconsciente, é incompatibilidade entre infinitos. E, a partir do momento que o Inconsciente, com os seus terrores infinitizantes, é um aspecto estrutural do nosso ser psíquico, deduz-se que, sob esse ponto de vista, a disponibilidade ao conflito tem uma raiz estrutural que tem as suas bases na constituição mesma do psíquico e nas suas ligações com o corpo.

Uma grande psicanalista, Melanie Klein, intuiu (mas, sem explicitar os pressupostos) os problemas ligados ao momento crucial da evolução mental e sugeriu o conceito de *excisão* como aquele mecanismo primitivo com a qual a criança pequena enfrenta a experiência onde o mesmo Seio-Mãe é portador do Bom e do Mau, da Presença e da Ausência e, assim, Amado e Odiado. Em outras palavras, reencontramos a coexistência dos contrários infinitos, que é sentida como incompatível com a vida e provoca um sentimento obscuro de morte! A excisão dá espaço a duas entidades que devem permanecer separadas: o Seio Bom (infinitamente bom) e o Seio Mau (infinitamente mau); uma excisão no infinito para fugir àquela realidade que transforma o objeto amado igual ao objeto odiado e que aponta em sentido àquela identidade vida = morte, que é incompatível com a sobrevivência. A recomposição dos opostos, ou seja, dos aspectos bons e maus ao interior do mesmo objeto, será possível somente no que Klein denomina de *posição depressiva*, que se desenvolve paralelamente com a maior capacidade, por parte da criança, de delimitar e organizar com o pensamento a sua experiência emocional.

A observação clínica cotidiana oferece confirmação desse aspecto crucial do conflito psíquico que se estabelece como inevitável consequência do prevalecer dos processos de infinitização. E, assim, por exemplo, pode-se aceitar, numa relação de amor, a coexistência de um sentimento de receber afeto, de sermos nutridos, de necessitarmos do outro, e, ao mesmo tempo, de dar afeto, de nutrir, de se realizar de maneira auto-afirmativa se esses sentimentos não são extremos, ou seja, infinitizados. No caso onde, de fato, prevalecerem os processos de infinitização, é claro que o sentimento de dependência (absoluta) torna-se incompatível com qualquer projeto de autonomia e vice-versa, o sentimento de auto-afirmação absoluta torna-se incompatível com a necessidade do outro, com a

necessidade de afeto, que implica na aceitação de uma falta. Daqui a fonte do conflito!

Creio ter fornecido alguns elementos provenientes também da observação clínica que confirmam a estreita relação que existe entre o infinito e o sofrimento mental. Mas, não queria concluir sem afirmar um conceito: se os processos de infinitização, que nos caracterizam como seres emocionais, estão na base da nossa capacidade de sofrimento mental, estão também na nossa base de cada criação simbólica. De fato, temos necessidade – para a nossa saúde mental – de um contato com o *elemento particular*, mas também de um *contato com a classe*. O amor desenvolve, por exemplo, nutre-se – e não poderia ser de outra forma sem negar-se enquanto tal – de um sutil equilíbrio entre particularidade e idealização. É este entrelaçamento no nosso modo de ser psíquico que nos torna *animais simbólicos* que, enquanto tais, possamos sempre *transceder* o particular, o individual, e construir infinitas séries de substitutos simbólicos, que possibilitam reviver os objetos “primários” do nosso afeto. Um “animal” hipotético, provido somente de instinto, que tende à posse e ao usufruto do objeto particular, e somente assim será possível estar isento da neurose, também será obrigado a renunciar a ser o criador de uma sinfonia! E isto porque os mesmos elementos estruturais que são a base do nosso sofrimento mental são também a base de nossa capacidade criativa. E, talvez, neste ponto, o título de minha contribuição deveria ser mudado para: *O infinito entre criatividade e sofrimento mental!* ■

Tradução: **Emília Araújo**

Revisão técnica:

Suely Gevertz*

Rua João Moura, 647 cj. 112

05412-001 - São Paulo - SP

PIETRO BRIÀ

Via Cortina D'Ampezzo, 60

00135 - Roma - Itália

* Psicóloga clínica e Psicanalista. Professora nos cursos de “Atendimento Familiar” e “O desenvolvimento do raciocínio clínico na prática psicoterapêutica” do Instituto Sedes Sapientiae.